

O Partido Democratico de S. Paulo sente-se no dever de chamar a attenção dos paulistas e dos brasileiros em geral para a necessidade de se congregarem todos em combate indefesso aos perigos que ameaçam os destinos e segurança do Estado e da Nação.

Quando em março do ano passado fomos coagidos a romper com o governo do coronel João Alberto, fizemol-o em lance de patriotismo e justa revolta contra uma Interventoria que se salientara pela desorganização dos serviços publicos, pelo desbarato dos dinheiros do Estado, pela affronta com que se deliciaava nas larguezas do poder e pelos golpes que desferia nos vinculos de nossa nacionalidade, afastando dos postos de administração aos filhos da terra, destruindo riquezas a tanto custo accumuladas e fomentando sentimentos que um dia poderiam ser fataes á unidade ethnica e geographica da nossa patria.

Longe estavamos então de imaginar que haveríamos de continuar até hoje victimas torturadas da politica presaga que tomou a peito martyrizar a terra de Piratininga e reduzir ao jugo de adventicios cobigosos os descendentes da nobreza bandeirante.

Conheciamos os vultos que capitaneavam a revolução victoriosa e que aqui entraram debaixo das mais ruidosas manifestações que registram os fastos da metropole paulistana.

Conheciamol-os e observamol-os com a franqueza que a todos toca de estudar a vida, os serviços e os meritos dos homens publicos, de approximar uns dos outros, de submettel-os a cotejos e parallellos, realçando as vantagens destes e os perigos daquelles, para que a opinião collectiva se illumine, para que o povo se liberte da prepotencia parasitaria e para que subam os degraus da governança figuras condignas das aspirações fundamentaes de uma nação civilizada. O governo de um paiz não é a regencia de uma familia; a actividade de um partido não é a administração de uma sociedade recreativa; a conducta dos dirigentes de massas não póde se envolver na discrição e reverencia que protegem o proprio peccador na intimidade da vida domestica.

Não nos era extranha a fraqueza do Chefe do Governo Provisorio nem tampouco a falta de cumprimento das promessas formaes e reiteradas que havia feito, de confiar a alta magistratura do Estado a um paulista civil, capaz de conjugar as sympathias e esperanças da generalidade de seus contemporaneos.

Conservavamos assaz viva a lembrança de sua attitude, quando de passagem pela nossa Capital, á frente das tropas revolucionarias, em demanda da Capital da Republica.

Achava-se o Estado entregue a um governo politicamente heteroclitico, organizado antes sob a direcção do general Hastimphilo de Moura.

O sr. Francisco Morato não havia querido assumir a presidencia, comquanto nomeado pela Juncta do Rio e mais tarde convidado insistentemente pelo commandante da II Região. Dictaram-lhe tal recusa motivos de alta prudencia e lealdade.

Em primeiro logar, tendo enviado ao dr. Getulio Vargas um radiogramma, em que lhe explicava as razões por que não havia sido possivel organizar o governo de outro modo, os motivos por que nelle figuravam democraticos em collaboração com elementos extranhos sob a chefia de um dos mais apaixonados adversarios da Alliança e em que lhe solicitava, ao mesmo tempo, instruções para o futuro, recebeu de s. exa. resposta para que aguardasse a vinda de seus emissarios; pelo que entendeu de indeclinavel lealdade nada deliberar sem antes com elles confabular, tanto mais quanto, havendo lembrado, diante das insistencias da Juncta, o expediente desta

radiotelegraphar ao Chefe revolucionario, pedindo licença para dar posse ao presidente que nomeara, disse não teve solução nenhuma.

Em segundo, pareceu-lhe que não lhe seria possível, no momento delicado de suspensão inicial da ordem constitucional, assumir a Presidencia sem antes estar seguro do apoio das tropas revolucionarias em marcha e que nunca lhe poderia ser perdoado de, por simples vangloria de posições, expor o seu Estado, o seu Partido e o seu proprio nome á aventura de ser deposto de uma hora para outra ou de exercer tão nobre dignidade sob os vexames de uma tutela humilhante.

A divulgação posterior de telegammas, passos e vetos de alguns vultos da Alliança e do exercito libertador veio confirmar plenamente os temores e prudencia do Presidente Democratico.

Além disso, ignorando no começo si o golpe do Rio era filiado ao movimento que do Sul e do Norte convergia para a Capital da Republica, bem como si a Juncta estaria deliberada a entregar o Cattete ao Chefe das forças sulistas, entendeu que só das mãos deste é que lhe seria licito receber o governo, afim de possivelmente não arrastar o Estado, o Partido e os seus amigos a uma corrente adversa á Alliança a que pertenciam.

Affigurava-se-lhe, por ultimo, que, chegando a S. Paulo e cedendo aos sentimentos da população, o dr. Getulio lhe daria posse immediata da presidencia do Estado.

De facto, o Chefe do Governo Provisorio tentou fazel-o mais de uma vez a 29 de outubro de 1930, data em que descançou em S. Paulo. Diante, porém, do véto opposto pelo coronel João Alberto, combinou com este e com o sr. Francisco Morato que a posse apenas se transferia por alguns dias — 15 dias no maximo; declaração que reiterou espontaneamente, no instante em que partia da estação da Luz em viagem para o Rio, ignorante por seguro do plano que o seu lugartenente tragara para se intrusar na Interventoria do Estado, deixando-se ficar aqui sob o pretexto DE PRESTAR ASSISTENCIA AO GOVERNO DE SECRETARIADO, DE GARANTIR A ORDEM PUBLICA E DE PROMOVER O ESCOAMENTO DAS TROPAS.

A promessa ficou, como ficaram as promessas posteriores — sem cumprimento.

Não tinhamos obumbrada a memoria desses acontecimentos. Suppunhamos, entretanto, que o dr. Getulio Vargas, retemperado pelos calores bemfazejos da Alliança Liberal, pela influencia incoercivel das idéas que defendiamos e pela honra excelsa que lhe haviam conferido os aliados com a chefia do movimento, saberia pôr-se á altura do espirito revolucionario e jugular as pretensões inesperadas de seus commandados.

Na crença em que laboravamos, parecia-nos que seus actos obedeciam ao elevado pensamento de não convulsionar o paiz, de descobrir no tempo os remedios para as difficuldades que se lhe defrontavam e de obter alfim a victoria dos propositos que animaram a revolução. Asseguramos-lhe mesmo que nunca seriamos embaraço aos seus planos governamentaes. Foi cheio de fé, de ardor e de abnegação que o Partido Democratico entrou na liça, incorporado na Alliança Liberal, para defesa da candidatura de s. exa. e da do mallogrado dr. João Pessoa; não seria, por entre os nimbos festivos da victoria, que havia de crivar de espinhos a tarefa apostolica do seu eleito.

Embera padecendo amarguras e decepções, tentamos por uma politica de paz, longanimidade e paciencia, senão mudar o rumo da mentalidade dominante e conter dentro do circulo da

revolução os que della se apartavam, ao menos libertar o Estado de S. Paulo do guante nefasto em que se estiola e consume.

Tudo baldado, tudo em vão; continuamos opprimidos sob o entrosamento de uma politica sinistra, que procura, por um lado, abater o imaginario orgulho e invejada opulencia de S. Paulo, e, por outro, submergir nos destroços de nossa grandeza a obra carinhosa das gerações passadas.

Teremos de responsabilizar o Chefe do Governo Provisorio por tudo isto, si não quizer pôr cobro a tantos desatinos e infortunios.

Cumpre dizer a verdade; cumpre despertar a opinião publica, afim de que a mudez dos governados não estimule o erro dos que governam nem apague os ultimos reverberos da consciencia popular.

E' o que fazemos, em um gesto que sentimos ser de dôr para nós, de applausos para muitos e de espanto para não poucos. De dôr para nós, pelo termos de apontar ao juizo e justiça de nossos concidadãos o companheiro que, alçado á magistratura suprema, se constituiu o centro de irradiação de nossas illusões e esperanças; de applausos para muitos, porque é geral o sentimento de revolta contra o governo da dictadura; de espanto para não poucos, porque seria ingenuo suppor que anda decrescido o numero dos que nem sequer admittem divergencias em torno das graças do poder. De dôr para nós, de applausos para muitos ou de espanto para não poucos, a nossa voz é a voz do patriotismo.

Fallamos por S. Paulo e fallamos pelo Brasil, com a consciencia e responsabilidade que nos cabe no movimento revolucionario de 3 de outubro.

Fundado pelo conselheiro Antonio Prado, o Partido Democratico surgiu no scenario politico com uma finalidade verdadeiramente nacional. Entrava nos designios de seu fundador iniciar a lucta no Estado de S. Paulo e seguidamente estender por todo o paiz a actividade da nova aggremação.

De facto, tanto que conseguiu enviar á Camara Federal alguns representantes, para logo tratou o Partido de generalizar o seu objectivo, fundando com os correligionarios do Rio Grande e de outros Estados o PARTIDO DEMOCRATICO NACIONAL.

Foi graças á sua acção, na esteira dos revolucionarios de 1922 e 1924, quando ainda o Rio Grande, Minas e Parahyba formavam ao lado do sr. Washington Luiz; foi graças á sua campanha ardorosa, na pregação das idéas democraticas, no preparo da opinião do povo brasileiro e no embate contra o officialismo radicado na diuturnidade de uma politica de erros, nepotismo e corrupção, que se lançaram os germens da resistencia geral, que os patriotas se congregaram nos planos da Alliança, que a oligarchia reinante succumbiu fulminada pelo tedio colectivo e que as hostes libertadoras puderam atravessar, tangendo hymnos de paz, as barreiras de outro modo intransponiveis do Itararé.

E', pois, com auctoridade e direito proprio que fallamos não só pelo nosso Estado, como tambem pelo Brasil.

Por S. Paulo podemos fallar sem menoscabo da estima que fazemos dos compatriotas de outros Estados e dos elos que nos jungem ás grandes unidades da Federação.

Ninguem ignora a orientação dos paulistas em todos os departamentos e aspectos da vida individual e colectiva, em todos os actos e modalidades com que collaboram no engrandecimento da Nação. Absortos em actividade incessante, dedicam toda a vida a desenvolver as riquezas, a aformosear os campos e cidades, a polir os costumes de sua terra, fazendo

della uma pequena patria, gloriosa e prosperada, para maior gloria e prosperidade da patria commum. Por uma concepção profundamente exacta da realidade das coisas, convergem as vistas e actividade para um pedaço do territorio nacional, consciões de que é da vida e progresso das partes que ha-de brotar, crescer e deslumbrar a vida e progresso do todo.

S. Paulo offerece campo para as mais variadas expansões e remanso venturoso para os homens de boa vontade. Nelle são todos acolhidos fraternalmente e confundidos na massa geral dos que trabalham; nelle, como de Roma dizia um historindor, todos os engenhos e capacidades pôdem luzir e medrar sem estragos e rivalidades fatuas de outras luzes e prosperidades; nelle se accumulam os valores com que a Federação acó-de a dois terços de seus encargos.

Sem embargo de tudo isso, como tem sido elle tratado e administrado ?

Como presa de guerra, a quem se envia agora, a titulo de boas festas, a sobrecarga de 2 % ouro no porto de Santos.

A situação financeira, que já era precaria ao tempo do sr. Julio Prestes e gravissima ao cabo do governo do primeiro Interventor, manifestou-se no seu aspecto desolador sob a administração do coronel Rabello, que não só não trata de remedial-a, senão que tirbra de ostentar um fausto que não podemos manter e de guardar sigillo sobre as sangrias que vão exinanindo o crario do Estado. O aparelhamento do governo João Alberto, de casas militares de grande luxo, augmento da divida fluctuante de centenas de milhares de contos de réis, endosso, por dezenas e dezenas de milhares de contos de réis, de titulos da Prefeitura da Capital, para prestigiar amigos nella collocados, absorpção dos fundos das Caixas Economicas, da Mesa de Rendas, das Collectorias e dos Municipios, culmina agora com o perigo da suspensão dos pagamentos dos juros das obrigações do Café, annunciado pelo secretario da Fazenda no mesmo dia em que um comboio especial, de apparatusa composição, largava a Estação da Luz, conduzindo o bravo ex-Interventor em excursão politica pelo interior, á custa do thescuro publico. O INSTITUTO DO CAFE, organ creado para defesa da lavoura, convertido em aparelho partidario e entregue aos asseclas do ex-Interventor.

S. Paulo que pela cultura e genio de seus filhos, pela opulencia de sua riqueza, pelo numero de sua população, pela fecundidade de seu solo, pela grandeza do seu commercio, industria e lavoura, pelo brilho de suas letras, pelo progresso vertiginoso de suas campinas e povoados, pelo prestigio de sua interferencia preponderante e continua na formação de nossa nacionalidade; S. Paulo, que podia reivindicar, não um primado em que não pensa, mas uma paridade de tratamento no seio da Federação, não tem sequer uma voz ou representante no conclave da Dictadura e, além disso, vê os seus filhos afastados das posições officiaes, os cargos de sua jurisdicção commettidos a beneficiarios de fóra e o seu Governo entregue aos caprichos de forasteiros.

Si não é muito que o Chefe do Governo Provisorio olvide as festas deslumbrantes com que o recebeu o Partido Democratico, festas que commoveram fundamente a opinião nacional e foram como o brado prophético de nosso triumpho; si não é muito que se mostre insensivel aos correligionarios, que dentro do Estado de S. Paulo collocaram o idealismo da Aliança acima da barataria dos conchavos, contrapondo ao nome de um filho da terra o nome de um filho do Rio Grande; si não é muito que não haja encontrado, para reger os nossos destinos, um nome digno na lista numerosa que lhe têm offerecido os seus mais leaes e dedicados companheiros de lucta, dentro e fóra do quadro do Partido; muito é que nos queira sujeitar á tutela de peregrinos e consinta que o capitão João Al-

berto, que daqui sahio anathematizado e dia a dia vae crescendo na animadversão paulista, continúe a fazer de S. Paulo um feudo e elle proprio o feliz donatario de tão soberba capitania.

Isto não póde continuar assim. Temos por nós a unanimidade dos conteinancos independentes; temos tido a solidariedade dos nossos amigos libertadores e dos democratas de outras regiões, dos correligionarios da Alliança, de compatriotas insignes, do Partido Republicano Rio-Grandense e do seu eminente Chefe, que ainda ha pouco opinava ser um dos maiores erros da Revolução não ter entregado o Governo do Estado ao Partido Democratico.

Não se confunda nossa prudencia com pusillanimidade.

Em 1822, quando fervilhavam os anceios de independencia, foi daqui que, por uma oppressão como a de hoje, partiu o brado que culminou na epopéa de 7 de setembro. O movimento de 23 de maio havia entregado a administração da Provincia a uma juncta de forasteiros, apoiada na força militar do coronel Francisco Ignacio e na auctoridade do ouvidor Costa Carvalho.

Rugiu o interior em imprecações de dôr e de revolta contra o dominio dos adventicios. Cidades e villas levantaram-se em impeto resolutivo. Campinas, Ytú, Piracicaba, Porto-Feliz, Sorocaba, Itapetininga, Mogy-mirim e outras povoações arregimentaram-se em pé de guerra, determinando o mallogro da resistencia do commandante das armas da Provincia e do governador militar de Santos.

Era uma demonstração daquelles mesmos sentimentos e animo com que os nossos antepassados arvoravam a bandeira da civilização e dilatavam o ambito das paragens conhecidas, implantando em sertões longinquos o cunho de nossa nacionalidade e a flammula de nossa fé. Eram os gritos que se irrompiam de peitos paulistas, na aurora de nossa redempção, como advertencia aos posterios, de que já naquellas épocas remotas, para donos e governadores de nossa terra, nós nos bastavamos a nós mesmos.

A historia costuma repetir suas lições.

Não é, porém, apenas o caso de S. Paulo que nos inquieta. O Brasil inteiro envolve-se nas mesmas trevas.

O problema constitucional alverota as paixões e turba a intelligencia daquelles que se deviam conservar serenos na contemplação do panorama politico.

O thema, entretanto, não comporta transigencias nem procrastinações; cumpre entregal-o ao unico poder competente para dirimil-o, a saber, a soberania da Nação, expressa na voz de seus legitimos representantes.

Enganam-se os que pretendem protrahir o advento do regimen constitucional, de modo a predispor a reorganização do paiz segundo a mentalidade da nova era e a assegurar na Constituinte o predomínio das idéas dos que se proclamam mentores da Revolução.

Não podemos senão repetir o que escrevemos em nosso manifesto de 24 de março, reiterativo, neste topico, de voto solemne do Partido no Congresso Geral de fevereiro de 1931. A revolução de 3 de outubro, preparada de longa data pela propaganda das idéas democraticas e pela aliança das forças liberaes, já attingiu seu escopo e finalidade demolidora. O espirito da nova éra está assegurado pela vontade inequivoca e incontrastavel do povo brasileiro; a reconstrução que ha a fazer, essa compete ao paiz, por intermedio de seus eleitos, na voz da nova Constituinte.

A revolução não se fez para assumir a tutela da Nação, senão para entregar á Nação o governo de si mesma. Si a Nação entender, pelo voto de seus genuinos representantes, organizar-se antes de um modo do que de outro, devemos nos inclinar deante de sua soberania. Podemos e devemos instruir o

povo, convertendo-o ás idéas que nos parecem mais acertadas; mas não nos é licito impôr-lhe o nosso pensamento e vontade. Seria o despotismo.

O Partido Democrático não pôde desviar-se desta linha. No frontispício de seu programma, como a doirar a cupula dos compromissos assumidos, figura a bella trichotomia americana do governo do povo, pelo povo e para o povo.

Tambem não lhe é possível acquiescer a delongas inuteis na convocação da assembléa constituinte. Si nos insurgimos contra a situação deposta, porque ella se achava fóra da orbita constitucional, como haveríamos nós de nos conservar tambem fóra dessa orbita ?

Commettem erro grave os que propugnam ponto de vista contrario, embora tocados de sentimentos de patriotismo.

E' de mister precaver com sabedoria o duplo perigo que corremos, de dilatar os males da dictadura e de possivelmente vermos vencer na Constituinte as idéas subversivas que corrompem os espiritos. E' de mister ainda considerar a organização das Interventorias do Norte, em fórma de bloco contra-posto ao Sul e á campanha constitucionalista, como um perigo á integridade geographica do paiz e ao equilibrio dos Estados no organismo federal.

O Chefe do Governo Provisorio precisa não persistir na orientação até aqui seguida.

Em S. Paulo a sua politica tem consistido em governar com elementos extranhos e indesejaveis. De principio, contra a expectativa geral e contra a propria palavra empenhada, nomeou Interventor ao capitão João Alberto; mais tarde substituiu-o por um notavel magistrado, o dr. Laudo de Camargo, a quem dias depois consentiu fosse deposto pelo seu antecessor; agora vai conservando o coronel Rabello, chamado a occupar interinamente o posto, onde não passa de uma sombra do capitão João Alberto. Parallelamente com tal conducta e com o desprezo das forças conservadoras tem recommendado aos seus delegados um governo APOLITICO, uma administração sem elementos partidarios; recommendação triplamente extranhavel, já porque isso não tem senso, já porque não tem sido observado relativamente ao Rio Grande do Sul, a Minas e a Parahyba, já porque, em S. Paulo, governo APOLITICO, nos termos da ordem presidencial, quer dizer governo SEM os democratas, governo COM os politicos que combateram a Revolução ou COM os intemeratos que se abrigaram sob o manto da neutralidade.

Na ordem federal, ninguem se illude sobre a situação do paiz. Ao lado de uma politica que tem despertado nos Estados sentimentos de tedio, angustia e desapontamento de todos os seus filhos, a paralyzação de negocios, a fallencia do commercio, o definhamento das industrias, a penuria da lavoura cafeeira, a fuga das especies metallicas, o aviltamento do dinheiro nacional, a escassez do credito, a derrocada da fortuna publica e privada, a falta de confiança, a diminuição das arrecadações, a desorganização do formoso quadro do direito nacional, o pavor da instabilidade, o arrocho dos tributos nas malhas de uma insolita tendencia regalista, o annuiamento constante dos horizontes, a incerteza de tudo que nos aguarda, em summa, um mal estar geral, sombrio e doloroso.

Si é certo que a humanidade passa por uma crise universal, não o é menos que essa crise se depara aggravada por nossos desatinos, precisamente em um paiz que pelas suas condições excepcionaes podia de certo modo ferrar-se aos soffri-

mentos e precariedades que affligem o mundo inteiro.

Precisa mudar de rumos e methodos a dictadura — a dictadura que em quatorze mezes de poderes discricionarios não legrou realizar uma obra ou reforma de relevo e que assignala a phase mais esteril que a patria pontilha na historia de sua formação. Si perseverar nos enganos e esterilidade de sua visão financeira, economica e politica, o futuro ha-de fustigal-a em julgamento severo e irrecorrivel.

Entregue-se aos Estados o governo dos Estados; venha a Constituinte; e estaremos salvos.

Para attingir este duplo escopo, o Partido Democratico desfralda sua bandeira de combate, ao lado do pavilhão de S. Paulo e do Brasil, conclamando as energias de seus conterraneos e patricios para uma acção conjunta, em defesa da causa commum.

Tudo pelo Brasil; tudo pela Constituinte; tudo por S. Paulo redimido.

S. Paulo, 13 de janeiro de 1932.

FRANCISCO MORATO

J. J. CARDOSO DE MELLO NETO.

PAULO DE MORAES BARROS

J. A. MARREY JUNIOR

JOAQUIM A. SAMPAIO VIDAL

JOAQUIM CELIDONIO FILHO

VICENTE RAO

ANTONIO CARLOS DE ABREU SODRE

ELIAS MACHADO DE ALMEIDA

FRANCISCO MESQUITA

AURELIANO LEITE

AGOSTINHO RIZZO

ANTONIO SOARES LARA

FABIO DE CAMARGO ARANHA

PAULO RIBEIRO DA LUZ

MANFREDO ANTONIO DA COSTA

WALDEMAR RANGEL BELFORT MATTOS

WALDEMAR FERREIRA

HENRIQUE NEVES LEFEVRE

EDMUNDO BORGES CARNEIRO

CESARIO COIMBRA

PRUDENTE DE MORAIS NETO

MANOEL UBALDINO AZEVEDO

HENRIQUE BAYMA

OROZIMBO LOUREIRO

PLINIO DE QUEIROZ

HENRIQUE SOUZA QUEIROZ

VICENTE PINHEIRO

Deixam de assignar os drs. Paulo Nogueira Filho e Antonio Feliciano da Silva por se acharem ausentes.